

---

## Passagens Religiosas ao Mundo Moderno e Contemporâneo: ensaio sobre Comunicação, Mercado e Ideologia<sup>1</sup>

João Vitor de Souza XAVIER<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### Resumo

Após se tornar autônoma a Igreja continuou a exercer seu domínio, só que dessa vez em um mundo moderno manifestado na cultura *gospel*, para isso ela se apresenta como uma ferramenta de controle social. E também, nos modos de operação judicial, instrumentalizada pelo Fundamentalismo Religioso inseridos no contexto Capitalista. Apresentando-se como denominações evangélicas (Pentecostais e Neopentecostais) em lugares onde o Estado não alcança capaz de conseguir seguidores oferecendo-lhes mercadorias, promovendo em nome de Deus a realização de desejos humanos e sobretudo espirituais. Sendo assim dominam seu público no púlpito e na mídia, levando-os a executar as tarefas para manter o *status* social dominante. Este trabalho tem a finalidade de apresentar as nuances do poder religioso desde a Idade Média até a constituição capitalista do sagrado.

**PALAVRAS-CHAVE:** feudalismo; neopentecostalismo; pentecostalismo; *gospel*; mídia.

### INTRODUÇÃO

As condições extremas estabelecidas a partir dos fundamentos religiosos não deixam dúvidas de que se trata de um plano para a dominação de classe que permeia todo o contexto histórico da sociedade para aceitação de crenças e valores pautados num único ponto de vista da Bíblia. Que inicialmente concediam a uma leitura e interpretação apenas do Clero e da Nobreza quando conveniente (ANDERSON, 1991;2004). Mesmo autônoma a Igreja prefere ser uma denominação de dominação, não oferece aos seus fiéis o livre acesso aos textos sagrados (ALMEIDA; SILVA, 2018). Alguns dos seguidores, por sua vez, preferem protestar contra a forma estabelecida da Igreja, começa então uma marcante derrota do poder eclesial e a diversificação do *modus operandi* do sagrado (MENDONÇA, 2007; AMIM, 2017).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religião, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Pós-graduação em Ecologia Aplicada na Universidade de São Paulo (USP) email: [joaovitor.sx@gmail.com](mailto:joaovitor.sx@gmail.com)

---

Com o advento do capitalismo é necessária uma nova filosofia religiosa com um forte alicerce nas forças mercantis de técnicas comerciais e financeiras, que estabelecem as forças de produção no mundo moderno (WEBER, 2004). Tem-se um grande fator desse poder na comunicação (CUNHA, 2004), ferramenta cultural de dominação das massas capaz de consagrar capital pessoal aos interesses neoconservadores de estado.

Por conseguinte, fixa-se várias vertentes do Pentecostalismo e Neopentecostalismo na sociedade que angariam fiéis a partir da Teologia da Prosperidade (CUNHA, 2004), que ascende à uma cultura gospel alcançando espaços marginalizados estabelecendo o Fundamentalismo Religioso. Neste sentido, ele é capaz de fomentar um exército em nome de Deus para o controle das massas, seja pela cultura ou pelo julgamento marginal nas favelas (LEHMANN, 2007). Mas que se materializa a partir da posição de religiosos na decisão democrática do Estado.

Sendo assim, se interessa neste ensaio construir uma dissertação a respeito da constituição histórica do que hoje é a religião e a Igreja inserida nas camadas de produção capitalista.

## **HISTÓRICO RELIGIOSO NO SISTEMA CAPITALISTA**

Para entender o atual segmento protestante religioso é necessário entender um pouco da inserção e construção da religião na atual sociedade capitalista. Durante a história a igreja se comporta como peça chave operante da máquina de produção imperial, além de estar no domínio sobre as crenças e valores, observa-se que a Igreja ou, também conhecida como Clero, sempre esteve associada ao poder vigente, segundo Perry Anderson (1991) a igreja, na passagem para o sistema feudal, se torna uma estrutura autônoma livre de servir apenas ao interesse da coroa, mas sim, por construir suas crenças e valores hegemônico na população.

Sendo autônoma, a igreja pode defender seus próprios interesses, possuindo nessa passagem ao feudalismo, um reduto territorial e expansão das forças armadas, que mais adiante se tornam novos modelos judiciários fechados com “possibilidades de exercício da justiça de posição funcional totalmente distinta da que hoje está subjacente ao capitalismo” (ANDERSON, 1991, p. 148), aqui Anderson afirma que há uma

---

distinção entre estes sistemas. Para tal contexto, Amim (2017) revela que há as *Milícias de Cristo*, com regras e normas próprias de um exército combatente que operam em nome de Deus. Característico do poder político que “por algum tempo chegou a ser identificado realmente com a função meramente *judiciária* de interpretar e aplicar as leis existentes” (ANDERSON, 1991, p.149).

O sucesso feudal e a evolução da igreja neste espaço se perdurou pela produção cultural na estética gótica, mesmo contexto em que explodiu as buscas em sua expansão geográfica com a criação das expedições das cruzadas internacionais em seu auge no século XIII:

“Em cima desta fundamentação dualista de impressionante progresso agrícola e vitalidade urbana é que foram erigidos os monumentos majestosos da estética e da intelectualidade da Alta Idade Média – as grandes catedrais e as primeiras universidades. [...]. As origens da arquitetura gótica, artefato supremo desta exuberância cultural, foram uma expressão adequada às energias unitárias da época [...] cuja a tríplice vocação foi a de reorganizar e racionalizar o domínio de Saint Denis, consolidar e estender o poder da monarquia dos capetos para Luis VI e VII e lançar na Europa um estilo leve de construção, de que seus próprios versos religiosos eram o programa estético” (ANDERSON, 1991, p. 190).

A estética cultural era inevitável e necessária para satisfazer as necessidades de uma bandeira a ser estandardizada pelos domínios da fé e da religião, ou seja, tiveram seu reflexo externo em sua expansão geográfica com as expedições das Cruzadas, por isso a igreja impõe métodos de reprodução que são copiados e traduzidos por toda a Europa (IMBRIOSI, 2021), sendo assim o indivíduo se distingue pelo que produz seus meios de vida associadas aos agrupamentos sociais de suas condições materiais de sua produção (MARX; ENGELS, 2001). Nesta perspectiva, o materialismo de suas produções se traduzem na importância das cruzadas do sistema político econômico da época, em conquistar novas terras agricultáveis, foi marcado por este forte aspecto religioso que assinalou tais movimentos futuros (AMIM, 2017).

Durante séculos a Igreja também teve o papel que se concentrava em colocar-se no espaço de poder, como por exemplo, a burocracia clerical, citada por Perry Anderson (1991), com o papel de se dedicar integralmente à administração civil sem encargo financeiro para o Estado. Vale destacar, que até o decaimento do sistema de produção

---

Feudal era a igreja católica a instituição mais poderosa, e como podemos ver detentora de poderes políticos e grande proprietária de terras (ANDERSON, 1991), parafraseando Marx (2011) o poder do senhor feudal era em “manipular e controlar o processo de produção e de todo o processo a vida social” (p.179).

Para tal aspecto de ápice do sistema de produção feudal promoveu a divisão social no surgimento da burguesia e o desenvolvimento na estrutura com o “aparecimento das universidades, da literatura laica, das monarquias nacionais e pelo fortalecimento das cidades” (AMIM, 2017, p.119).

Do século XIV em diante assiste-se a Baixa Idade Média, com o enfraquecimento do sistema feudal e surgimento do sistema capitalista, juntamente com a mobilidade social daqueles burgueses que tomam conta da atividade comercial, com novas atividades mercantis de técnicas comerciais, financeiras e bancárias (AMIM, 2017). Neste sentido, as cruzadas se tornam empreendimentos de conversão aos filhos secundogênitos em busca de fortuna, já que se encontravam sem herança familiar (AMIM, 2017, p. 122). A autora diz que o fato da ascensão de novos homens no comércio e na indústria, juntamente com a crise da época, “propiciava o êxito de vários pregadores e profetas que exerciam uma verdadeira ditadura popular” (AMIM, 2017, p. 125). Os movimentos de religião popular que se sucediam de um clero desinteressado da missão espiritual, abrem espaço para esta nova configuração dos fundamentos religiosos.

Na passagem para o sistema Capitalista houveram muitos indicativos de um movimento religioso missionário popular, espiritual e espontâneo. Constata-se que durante toda a passagem pelo feudalismo houveram uma constante produção cultural, como por exemplo, na Europa os temas mais importantes eram os que se relacionavam com Carlos Magno, ao Rei Arthur e a Alexandre, o Grande. Para Theodor Adorno, “oferecer ao público uma hierarquia de qualidades em série serve à quantificação mais completa, cada um deve se comportar [...] segundo seu nível, [...] e dirigir-se à categoria de produtos de massa que foi preparada para o seu tipo [social]” (ADORNO, 2002, p. 7), cita-se a título de exemplificação a *Canção de Rolando* “que estava sendo composta para edificar as peregrinações e cruzadas contra os mouros” (AMIM, 2017, p. 140),

---

mantendo-se alguns valores culturais do feudalismo na possibilidade do surgimento de novos regimes religiosos.

A própria reforma protestante é uma resposta a um resultado de um regime opressor em que se mostrou durante séculos a Igreja Católica. Acontece neste período a virada histórica mais importante para a religião no capitalismo a partir do seu conflito mor, por volta do séc. XVI. Neste contexto, “surte com o advento do ouro e da prata e do comércio da América a facilitação de crédito para os príncipes europeus e permitiu grandes altas nas despesas sem uma correspondente expansão do sistema fiscal” (ANDERSON, 2004, p. 47- 48). Isto é, o capitalismo necessitaria de uma nova ética religiosa para se consolidar na sociedade.

Com significativas mudanças no contexto social europeu e uma crise de alastrar desgraça por toda a sociedade, causado sobretudo pela peste bubônica, ciclos de fome e colapsos ambientais, onde os estigmas da aristocracia e da Igreja permaneciam quase intactos. A mesma igreja privou-se em divulgar os conhecimentos da Bíblia para plebe e aos padres paroquiais, restando-os vestígios dos evangelhos, dos salmos e hinos (ALMEIDA; SILVA, 2018). Nesta perspectiva nasce o posicionamento dos reformadores, nomes como Valdo, Huss e Wyclif que segundo Almeida e Silva (2018) seriam influenciadores para tais conflitos sociais, ou seja, os pré-reformadores.

Wyclif, de acordo com Almeida e Silva (2018) “tem em sua teologia, a extensão de um comunismo e anarquismo teórico contrário à propriedade privada, que alude à divisão de todos os bens, requerendo do povo a obediência aos poderes” (p. 8). Prova que na baixa idade média surgem uma série de questionamentos e circunstâncias que permite aos reformistas tecer uma série de críticas que abalaram o sistema eclesiástico da Igreja Romana (ALMEIDA E SILVA, 2018). Sendo assim, percebe-se que “a Reforma foi um vasto movimento que começou ainda na Idade Média e se prolongou até o século XVIII com o desenvolvimento do metodismo na Inglaterra no seio da Igreja Anglicana” (MENDONÇA, 2007, p. 163).

Embora iniciada por Martinho Lutero e Calvino, por razões religiosas, também foi impulsionada por razões políticas e sociais. Mendonça (2007) traça um conceito de *Humanismo Protestante*, onde o homem desce dos pedestais celestes tornando-o

---

responsável individualmente perante Deus com suas culpas e necessidades. É por isso que este é o início da secularização em todos os sentidos, as pessoas agora podem interpretar a Bíblia e a partir de então tomar suas escolhas perante a comunidade cristã. Isto segundo Mendonça (2007) impediu a centralidade de poder da Igreja Católica, ou seja, um divisionismo necessário.

Neste sentido, o que aparentasse é as ideias, muitas vezes contraditórias do protestantismo, marcadas pelas mudanças sociais o que permite correntes filosóficas de mutações. Este, segundo Mendonça, (2007), citando Paul Tillich (1992) dá um poder formativo do protestantismo:

“...do direito de protestar contra formas e criar formas novas, coisas inconciliáveis se deixadas nesse grau de abstração [...] tem-se unido no protestantismo histórico, no desenvolvimento das igrejas e na vida de cada protestante. [...] A figura clássica da *Gestalt* para mostrar que o protestantismo se nutre do protesto contra as formas e a criação de novas [...]ela preserva sua integridade formada na Reforma ao mesmo tempo em que se ajusta a novas situações. Por essa razão é que o protestantismo mantém sempre uma tensão interna que se manifesta na liturgia, na teologia enquanto se situa entre o mundo presente e a eternidade, na política enquanto escolhe vias alternativas entre direita e esquerda” (MENDONÇA, 2007, P. 164).

A Reforma permitiu um outro olhar para a religião que até então de acordo com Le Goff (1980) para Igreja, o tempo era algo divino e não deveria ser alvo de cálculos, não podia ser medido e nem controlado. O que pela ótica do mercado que se instaurava, não se mantinha, sendo assim, os aspectos religiosos deveriam ser como os da usura em pressupor o tempo para ganhar dinheiro (ANDERSON, 2004).

O movimento Protestante, ou conhecido também como Reforma Protestante predominavam proprietários do capital e empresários, até mesmo a qualificação de mão-de-obra, técnica ou comercial das empresas modernas, isso coincide com o que Weber chama de “pluriconfessional”, que nada mais é que a diferença de confissão religiosa, ou seja, o Protestantismo (WEBER, 2004). Ele aponta para a conversão religiosa em cidades ricas da Alemanha (Reich), ainda no século XVI e suas razões:

“...significou não tanto a eliminação da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a substituição de sua forma vigente por uma outra. E substituição de uma dominação

---

extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível” (WEBER, 2004, p. 30).

Neste sentido, Max Weber interpreta a existência cômoda da igreja Católica em manter os padrões culturais religiosos da época sem acompanhar as mudanças da sociedade, nisto surge uma nova geração religiosa capaz de abarcar as necessidades dos primórdios capitalistas. A vertente protestante mais pertinente em Genebra, na Escócia e na Inglaterra foi o Calvinismo em contrapartida ao regime insuportavelmente controlador eclesiástico (WEBER, 2004). Tal mudança já era de se esperar uma vez que os Burgos, cidades mercantis e fabris, de livre jurisdição de outros feudos, emergiram à medida que o sistema capitalista ia progredindo.

Os modos de trabalho dos camponeses e a estratificação social estão como amplo fator para o surgimento do capitalismo, não podemos nos esquecer que enquanto alguns laços servís iam se afrouxando, por outro lado, alguns iam endurecendo cada vez mais. Nisto, algumas terras se tornam arrendamentos do mercado de monocultura (ANDERSON, 2004). Para tantas as camadas dominantes e dominadas “os protestantes [...]mostraram uma inclinação específica para o racionalismo econômico que não pôde e não pode ser igualmente observada entre os católicos, nem numa nem noutra situação” (WEBER, 2004, p. 33-34). Vários fenômenos frequente e notável de capitalismo surgiam, como o exemplo de Cecil Rhodes que pertencia a casa de pastores empresários que abominavam a educação ascética à juventude advinda da igreja católica (WEBER, 2004), mais tarde nos tempos modernos, em 2019 para ser específico, surgem protestos contra o monumento de Rhodes, que apesar de destinar fundos a universidades no sul da África, demonstrava-se um grande opressor da população negra (NEVES; MOUTINHO; SCHWARCZ, 2019).

Tais segmentos protestantes não é nenhuma novidade pois já haviam valores burgueses ligado à individualidade, à família, à vida privada, e não é de hoje que a religião tem um domínio sobre as crenças e valores, isso já ocorria com o Clero na antiguidade (ANDERSON, 2004). Portanto é necessário que apesar do tom revolucionário do Protestantismo, não se pode esquecer que são verdadeiros

---

conservadores patriarcais. Além do mais se trata de uma burguesia mercantil dominada pela ideia de controle do tempo e do espaço, era imperioso que as viagens fossem feitas em menor tempo, pois isto se refletiria diretamente em suas margens de lucros, oriundos sobretudo do comércio de longa distância, i. e., o tempo era algo que não só devia ser contabilizado, mas também economizado (LE GOFF, 1980).

Contudo, Weber, diz que o protestantismo de Lutero, Calvino, dentre outros, ligavam pouquíssimo para o que hoje se chama “progresso”. Por tanto ele aponta para abandonar o terreno das vagas representações gerais com que operamos até aqui e tentar penetrar em algumas peculiaridades dessas diferenças desse vasto pensamento religioso que se manifesta em comunidades cristãs (WEBER, 2004).

Com o fim do feudalismo e o surgimento da relação livre assalariado instaurada, e o surgimento de indústrias fica fácil de se instaurar novas vertentes religiosas ligada ao mercado, que para este ensaio será necessário fazer um salto a seguir para as denominações Pentecostais e Neopentecostais, as quais são responsáveis por promover a cultura gospel, e uma dominação do pensamento a partir da Teologia da Prosperidade pautados nos valores empreendedores.

## **RELIGIÃO, IDEOLOGIA E MERCADO**

Agora com a medida de trabalho expressa em tempo ocorre uma inversão dos valores sociais e também religiosos. Marx define este valor como “a quantidade de trabalho socialmente necessário ou o tempo de trabalho socialmente necessário para a produção de um valor de uso que determina a grandeza de seu valor” (MARX, 2011, p. 100). Marx, define o fetiche, importante conceito para a discussão a seguir, como o artefato para entender as necessidades de corpo e espírito mental. “Por certo se percebe que a mercadoria opera no mercado como se fosse dotada de energia própria” (p. 58), calculada pela força de trabalho gastas e a sociabilidade de tais objetos. Assim sendo, o fetiche é uma prática das representações práticas do poder das mercadorias para que as pessoas vivam atrás das coisas, ou atrás de dinheiro. As pessoas fetichizam o dinheiro e vão em busca da prosperidade que representa a riqueza.



---

Há uma conversão das produções materiais que determinam as condições sociais de satisfação na mercadoria, cria-se novas necessidades de intercâmbio das dominações sociais a que pertencem. Enquanto um produz pensamentos autodeterminados espirituais pela força intelectual, como por exemplo do discurso do pastor, por outro lado tem as forças dominadas por este discurso que prevalecem nas ideias por antonomásia do místico, da salvação e bênção em cristo (MARX; ENGELS, 2001).

Com o advento da globalização a previsão é de que no século XXI seja os maiores ramos industriais os segmentos da comunicação e informação, tais denominações sociais servem aos maiores segmentos do mercado mundial, assumem a necessidade de controlar até os mercados mais remotos para vender seus produtos (CUNHA, 2004). Um desses mercados é o *gospel*.

Nos anos 80 surgem os pentecostais e com eles o advento do Neopentecostalismo, ou também, *Pentecostalismo Independente* que é caracterizado pelo aparecimento de igrejas autônomas,

“...organizadas em torno de líderes, e baseia-se nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina [...]chegando a ser proprietária de veículos de comunicação social nos diferentes formatos (imprensa especializada e secular, emissoras de rádios, redes de televisão em canais abertos e fechados, gravadoras)” (CUNHA, 2004, P.85)

No mundo globalizado o trabalhador em seu tempo livre deve se orientar pela unidade da produção, por isso não é de se impressionar que tal vertente do protestantismo propaga-se através dos meios de comunicação, a instituição que simboliza a força deste movimento é a Igreja Universal do Reino de Deus. Destaca-se a nível de presença no Poder Público com o estabelecimento de uma “bancada evangélica” no Congresso Nacional, que de acordo com Marx e Engels (2001) o que se estabelece é um vínculo desse grupo (sociedade civil) que se empodera na criação de um Estado. Este, por sua vez, é baseado na pregação neopentecostal de correntes filosóficas religiosas da “Teologia da Prosperidade” e da “Guerra Espiritual”, definidas como nova manifestação religiosa do capitalismo. Os escolhidos de Deus recebem suas bênçãos, e tudo que foge disto deve ser destruído, pois são interpretados como o mal (CUNHA, 2004).

---

Nas igrejas, vale destacar aqui o que Lehmann (2007) sempre afirmar de que as denominações evangélicas são bem diversas (multifacetadas) e por isso não se pode generalizar, portanto em algumas denominações, a ideia da classe dominante deste cenário é a de que um pastor eficiente deve liderar a comunidade e apresentar resultados como o número maior de membros e o aumento do patrimônio da igreja, além do mais, há um forte movimento próprio do neoliberalismo que preveem ações por meio de programas sociais que amenizam os efeitos da exclusão social, conquistando assim mais adeptos (CUNHA, 2004). Até mesmo a consolidação do marketing religioso.

Além do mais um grande mercado, como podemos citar, recorre desde produções de livros, músicas, roupas, dentre tantas outras produções, estabelecem uma cultura Gospel onde o capitalismo oportunamente produz mercadorias a um grupo seletivo, que por sua vez, enxergam no pastor a imagem do sagrado, qual está arrebanhando suas ovelhas.

Compreende-se que as religiões se situam em linhas tênues entre o sagrado amoroso e justo em comparação com uma vida oprimida e subjugada em suas diversas formas, portanto o sucesso deve estar na conquista dos bens materiais, onde o setor religioso das igrejas passa a representar as fontes principais de superlucros que hoje pertencem às ressignações pentecostais e neopentecostais, como por exemplo, a Igreja Universal do Reino de Deus. Contudo, os meios de acumulação primitiva permitem não apenas a validação da busca por mercadorias envolto de uma ideologia da prosperidade que definem as esferas ideológicas e percebe-se quais interesses materiais de produção este discurso religioso fomenta. Mas também aponta para a comunicação como o aperfeiçoamento da circulação do capital, que por sua vez está presente em tais vertentes religiosas.

Um exemplo desta circulação é a presença abrupta dos evangélicos na mídia. Comumente chamada pelos estudiosos de “Igreja Eletrônica”, que são aquelas com “impacto da veiculação de programas religiosos pela TV e pelo rádio na América Latina” (CUNHA, 2004, p. 96), traduzidos para o Brasil através dos programas em horários comerciais nos canais televisivos SBT, Rede Record, Rede Bandeirantes e TV Tupi. Magali Cunha (2004) diz um dos nomes do responsável por trazer um

---

entretenimento com forte ênfase na política neoconservadora norte-americana no fim dos anos 70 e durante os anos 80, sendo os maiores investidores da mídia as Igrejas Brasil para Cristo, Igreja Deus é Amor e a Igreja Universal do Reino de Deus, que iniciam seus horários em rádios compradas ou até mesmo arrendadas. Coincidência ou não com os arrendamentos de terras no final do sistema de produção feudal citado por Perry Anderson, no subitem anterior.

Contudo observa-se assim como a burguesia não se encontra mais com o pensamento revolucionário, principalmente no que tange a religião (protestantismo), na verdade ela está mais interessada em manter a ordem, ou seja, uma emergência da sociedade de massas (ADORNO, 2002). Na TV, por exemplo, tem-se o pastor missionário R. R. Soares com seu “culto com ênfase na cura, no sucesso econômico-financeiro e nas longas pregações” (CUNHA, 2004, p. 98). Edir Macedo, nome bem conhecido em vários países por ampliar seu território, cria empresas para disputar concessões que estão sendo oferecidas pelo governo em concorrências públicas, juntamente com a Igreja Renascer em Cristo que recentemente receberam fundos da Secretaria de Comunicação (SECOM) do governo federal (FONSECA; CORREA, 2020).

Por outro lado, por se tratar de um segmento que chega onde o Estado não alcança, a igreja se expande entre o território físico, tendo a oportunidade de angariar fiéis e estabelecer suas normas e valores nas comunidades, em alguns casos para defenderem interesses hostis como o das igrejas dominadas por criminosos e *gangsters* em favelas que estabelecem seu próprio sistema judiciário (LEHMANN, 2007). Vale aqui ressaltar que Perry Anderson (1994) já registrou, na antiguidade, a predominância de províncias judiciais criadas a partir da igreja.

Por fim as igrejas de denominações históricas pentecostais e neopentecostais a partir da dependência espiritual do público, conseguem implantar a necessidade do sucesso na classe dominada que são levadas a buscar a prosperidade material em cristo organizando-os em clãs capazes de ditar as regras, seja nas periferias ou até mesmo nos órgãos de decisão estatal. Suas relações de clientelismo são formas dominantes de poderes e autoridades capazes de controlar o comportamento destinando poder aos seus

---

líderes conferindo-lhes um capital social religioso, capaz de satisfazer seus fetiches e dar-lhes a segurança necessária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é nenhuma novidade que o poder religioso dita regras na sociedade. A religião consegue fazer um campo misto entre poder dominante aquele que é detentor dos meios de produção, e classe dominada ou cultura de massa, se envolvendo com a disseminação do que seria um mundo ideal.

O que interessa neste ensaio é apontar o processo histórico de dominação que atualmente perpassam o Neopentecostalismo com sua teologia da prosperidade, como uma ideia dominante capaz de alcançar a sociedade mais periférica onde estabelece valores de uma sociedade civil neoliberal, capaz de influenciar não apenas na cultura, mas também na imposição de decisões para a construção de um estado mínimo.

E porque não começar com uma indústria cultural *gospel* nos meios de comunicação, uma vez que o trabalhador no seu tempo livre se coloca frente aos aparelhos eletrônicos. Ou ainda oferecer à população mais vulnerável comida e segurança, alimentando-as em carne e espírito, já que estão abandonadas por aqueles responsáveis em lhes oferecer um mundo mais igualitário e democrático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, p. 70, 2002.

ALMEIDA, Juliana Marques; SILVA, Severino Vicente. **Pensamento teológico anterior à reforma protestante**. In: XII Encontro estadual de história da ANPUH-PE, 2018, Recife. ANAIS Recife: ANPUH-PE, 2018.

AMIM, Mônica. **A idade média: um tempo de fazer cristão**. ComparArte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 116-142, 2017.

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ANDERSON, Perry. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CUNHA, Magali do Nascimento. **"Vinho novo em odres velhos": um olhar comunicacional sobre a explosão *gospel* no cenário religioso evangélico no Brasil**. 2004. 347 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FONSECA, Bruno; CORREIA, Mariama. **Governo gastou mais de R\$ 30 milhões em rádios e TVs de pastores que apoiam Bolsonaro: emissoras de evangélicos que oraram junto ao presidente receberam 10% de todos os gastos da SECOM**. 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/06/governo-gastou-r-30-milhoes-em-radios-e-tvs-de-pastores-que-apoiam-bolsonaro/>>. Acesso em: 13 mar. 2021.

MARX, Karl. **O Capital: [livro 1]**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011. 894 p. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod\\_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 119, 2001.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura**. USP, São Paulo, n. 74, p. 160-173, ago. 2007.

NEVES, Paulo Sérgio da Costa; MOUTINHO, Laura; SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. **Herança colonial confrontada: reflexões sobre África do Sul, Brasil e Estados Unidos**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 3, p. 1-18, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/b6JYvSNMD6SqJ6YBGtgpRqL/?lang=pt>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. **Arte Gótica**. História das Artes, 2021. Disponível em: <<https://www.historiadadasartes.com/nomundo/arte-medieval/arte-gotica/>>. Acesso em 06 Aug 2021.

LE GOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1980.

LHEMANN, David. **A milagrosa economia da religião: um ensaio sobre Capital Social**. Porto Alegre: Revista Antropológicas, n.27, ano 13, p. 69-98, 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 170 p. 2004.